

# CRIATIVIDADE E TRANSTORNOS MENTAIS NA MODA: UMA ANÁLISE DE VOSS - ALEXANDER MCQUEEN

Autor(a)<sup>1</sup> HIRAGUCHI, Luiza  
Autor (a)<sup>2</sup>: LOS, Vivian Andreatta

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar aspectos visíveis de transtornos mentais em dois looks do desfile VOSS de Alexander McQueen. Na moda pode ultrapassar o campo estético, tornando-se uma forma de manifestação pessoal e coletiva, capaz de refletir emoções, pensamentos e experiências humanas. Acredita-se que, assim como a arte, a moda também possui poder terapêutico e de ressignificação. Na metodologia, foram analisadas as obras do estilista Alexander McQueen, um criador visionário que revolucionou a forma de se compreender a moda. Apesar de sua genialidade, McQueen enfrentava sérios transtornos mentais, como depressão e ansiedade, o que o levou ao suicídio. Entre suas criações, destaca-se o desfile “VOSS” (Primavera/Verão 2001), inspirado em um sanatório psiquiátrico, que simboliza a luta interna, as vozes da mente e o sofrimento psíquico em criações inovadoras. Essa coleção representa, de maneira simbólica e impactante, a ligação entre dor e beleza, demonstrando como o sofrimento pode se transformar em expressão criativa.

**PALAVRAS-CHAVES** Transtornos mentais, Moda, Alexander McQueen, Criatividade

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa busca compreender de que forma o sofrimento psicológico que causa o transtorno mental, pode influenciar a criatividade de um indivíduo. Para estabelecer um ponto de partida no campo da moda, trazemos o estilista Alexander McQueen, cuja trajetória de vida evidencia como alguém pode canalizar dores e sofrimentos psíquicos e manifestá-los por meio da moda.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema “Criatividade e Transtornos Mentais na Moda: uma análise da coleção VOSS - Alexander McQueen”, analisando como o estado emocional se configura como reflexo do criador. Ao longo da história, pessoas com transtornos mentais foram marginalizadas e, quando recebiam algum tipo de tratamento, muitas vezes eram submetidas a práticas de tortura. No Brasil, com a luta antimanicomial e o trabalho pioneiro da psiquiatra Nise da Silveira, que

---

<sup>1</sup> Graduanda de Design de Moda, CST - Design de Moda, IFSC, campus Jaraguá do Sul - Centro.

<sup>2</sup> Mestre em Educação, Docente da área de Moda, IFSC, campus Jaraguá do Sul - Centro

implementou a arte em hospitais psiquiátricos, houve avanços significativos nas pesquisas no campo da psiquiatria. Seu trabalho demonstrou como o sofrimento psíquico e os transtornos mentais podem potencializar a criatividade (O coração da Loucura, 2015).

Este trabalho busca investigar até que ponto um transtorno mental pode influenciar o processo criativo de um artista, com ênfase em Alexander McQueen, cuja vida foi marcada por sofrimento psicológico, dor emocional e depressão, refletidos em suas coleções profundas e carregadas de significado. Diante disso, surge o problema de pesquisa: De que maneira o estilista Alexander McQueen expressou seu sofrimento e seus transtornos mentais por meio da criatividade na coleção VOSS (Primavera/Verão 2001)? Essa questão propõe refletir sobre a interface entre saúde mental, psicologia e moda, investigando como as emoções podem ser integradas ao processo criativo e transformadas em linguagem estética.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar aspectos visíveis de transtornos mentais em dois looks do desfile VOSS. Os objetivos específicos são: 1. Identificar a correlação entre transtornos mentais e criatividade; 2. Dissertar sobre os possíveis traços de sofrimento psicológico na linguagem estética do estilista Alexander McQueen; 3. Analisar dois looks da coleção VOSS, relacionando-os com seu transtorno mental e refletindo sobre a expressão criativa presente na coleção.

A pesquisa realizada é de carácter social e academicamente relevante, pois promove uma compreensão mais aprofundada das complexas relações entre saúde mental, moda e produção artística. Em uma sociedade onde o estigma relacionado aos transtornos mentais ainda persiste, este estudo contribui para a construção de um olhar mais empático e humanizado, especialmente no contexto das profissões criativas (OMS, 2022).

Além disso, a literatura apresenta uma lacuna que conecta diretamente os processos criativos de estilistas à experiência do sofrimento psicológico, sobretudo com uma abordagem interdisciplinar envolvendo psicologia, moda e arte. Ao investigar casos como o de Alexander McQueen, esta pesquisa amplia o conhecimento sobre como a moda pode ser entendida não apenas como produto comercial, mas também como uma forma legítima de expressão emocional e social.

Por fim, o estudo pode impactar tanto o meio acadêmico quanto o mercado da moda, ao ressaltar o potencial terapêutico da criação artística e sua função como instrumento de

comunicação de experiências subjetivas profundas, incentivando novas abordagens para apoiar profissionais com transtornos mentais.

## **2 A CORRELAÇÃO ENTRE TRANSTORNOS MENTAIS E A CRIATIVIDADE**

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022) afirma “que os transtornos mentais são caracterizados por perturbações clinicamente significativas na cognição, na regulação emocional ou no comportamento, geralmente acompanhadas de sofrimento ou prejuízo no funcionamento social, educacional, ocupacional ou pessoal”. A OMS explica que existem diversos tipos de transtornos mentais e que o termo “condições de saúde mental” é mais amplo, abrangendo também deficiências psicossociais e estados associados a sofrimento significativo. Conforme OMS (2022 p1) no CID-11, “os transtornos mentais afetam milhões de pessoas no mundo e em 2021, cerca de 1 em cada 7 indivíduos vivia com algum transtorno, sendo ansiedade e depressão os mais comuns.” Apesar de existirem tratamentos eficazes, a maioria das pessoas não recebe cuidados adequados e ainda enfrenta estigma, discriminação e violações de direitos.

Para Villela, Oliveira e Ferreira (2024), a infância representa um período decisivo para o surgimento de transtornos mentais em crianças e adolescentes, pois fatores familiares, genéticos e traumáticos exercem uma influência profunda sobre o desenvolvimento emocional e psíquico. As autoras destacam que o ambiente familiar marcado por vínculos fragilizados, violência, negligência ou instabilidade pode potencializar vulnerabilidades biológicas e predisposições emocionais, criando terreno fértil para a manifestação de depressão, ansiedade e outros transtornos. Além disso, elas apontam que a forma como os jovens enfrentam esses diagnósticos, bem como os medicamentos mais prescritos, refletem não apenas condições clínicas, mas também a dinâmica social e afetiva vivida na infância. Para as autoras, compreender a infância sob essa perspectiva permite pensar intervenções mais cedo, com apoio familiar, terapias e políticas públicas que previnam a cronificação dessas condições (Villela; Oliveira; Ferreira, 2024).

A criatividade nasce depois da imaginação, segundo Vigotsky (2009). Conforme Los et al. (2015, p. 200 - 201), ao estudar a obra de Vigotsky (2009), observa que a criatividade e a imaginação [...] “são funções interdependentes e vão se constituindo desde o nascimento da criança.” Essas ações da criança vão surgindo no relacionamento

de “apropriação da cultura.” Ou seja, elas ocorrem por lembranças da vida cotidiana, e é por meio da imitação daquilo que a criança já presenciou que ela repete ações e junto, cria ações novas baseadas em suas sinapses. “A imaginação está diretamente articulada à emoção e à constituição de imagens mentais que geram essas emoções” (Los et al., 2015, p. 202) .”

Por conta da interação das emoções com a criatividade, a ligação entre transtornos mentais e a criatividade tem sido muito explorada por diversas pesquisas. Jamison (1993) aponta que o transtorno bipolar é amplamente encontrado entre artistas, indicando que seus estados maníacos podem interferir positivamente no processo de criação desses indivíduos. Andreasen (1987) encontrou diversas evidências de transtornos afetivos em escritores altamente criativos. Estudos populacionais, como o de Kyaga et al. (2011), mostraram que indivíduos com algum tipo de transtorno mental, assim como seus familiares, têm uma grande probabilidade de atuarem em profissões de caráter criativo. Isso sugere a influência de fatores genéticos e ambientais compartilhados.

Além disso, Carson (2011) analisa e argumenta que disfunções cognitivas associadas a alguns transtornos podem ampliar os modos de pensar e potencializar a criatividade. Ludwig (1995), por sua vez, analisou biografias de diversos artistas e chegou ao consenso de que muitos que apresentavam transtornos mentais, tem seu estado de consciência alterado, o que pode favorecer a criatividade.

Segundo Ostrower (2014, p. 73, grifo nosso)

[...] ocorrem momentos em nossa vida, momentos conscientes, pré-conscientes, inconscientes, de grande intensidade emocional. Eles podem induzir em nós novas forças, estimular todo o nosso ser, trazer novas ideias, orientar-nos na vida.” [e se tornar uma inspiração para algo novo.]. “Podemos entender todo fazer do homem como sendo inspirado se o qualificarmos pelo potencial criador natural, pela inata capacidade de formar e intuir [...] de criar coisas novas.”

Folley e Park (2005) demonstraram que pessoas com esquizofrenia ou traços esquizotípicos apresentam maior originalidade e melhor desempenho em atividades criativas, complementando que mentes com funcionamento diferente do que é considerado normal têm potencial para gerar soluções inovadoras. Portanto, a literatura demonstra que, por mais que não haja consenso entre alguns pesquisadores, ou uma relação causal simples entre transtornos mentais e a criatividade, existe possivelmente uma correlação significativa, que, por sua vez, merece ser explorada especialmente em áreas criativas como a moda.

Nós somos seres sensíveis, e cada ser representa para Ostrower (2014, p. 73) “como uma um espelho d’água encrespando ao mais ligeiro vento.” onde cada sentimento gera uma propulsão, ou voos mais altos na criatividade. E pessoas com transtornos mentais, por serem mais sensíveis, conseguem fazer explodir este sentimento em um fazer diferente no seu trabalho. Para Vigotsky (2009), estudado por Los et al. (2015, p. 202),

O signo remete à experiência vivenciada por determinada pessoa, ou seja, trata-se de uma questão subjetiva, que pode mudar de pessoa para pessoa. Por exemplo, a cor preta pode lembrar o luto para determinada pessoa; já para outra, pode lembrar uma festa importante em sua vida. O signo serve de apoio para a imaginação, pois retrata fragmentos da verdade vivenciada, faz relembrar experiências, ajudando a mente a recriar momentos e inventar coisas novas.

O signo é a memória de algo do passado que foi vivenciado que se conecta com o presente para então formar algo novo. Por isso, todas as pessoas são criativas, mas depende do estímulo e da propensão a se deixar levar pelas emoções para ser mais criativo que outras. E nas pessoas com transtornos mentais, a emoção é mais latente, o que as faz mais criativas.

A relação entre transtornos mentais e criatividade tem sido estudada por diversos estudiosos, entre eles Arnold M. Ludwig (1995), que investigou a história de mais de mil artistas criativos ao longo da história. Em sua obra *The Price of Greatness*, o autor estudou e concluiu que artistas, em especial os nas áreas da literatura, da música e das artes visuais, são propriamente e significativamente mais propensos a terem distúrbios psiquiátricos, mas em específico o transtorno bipolar, a depressão e esquizofrenia. Ludwig (1995, p. 124) fala que “muitos dos artistas mais criativos da história da arte e da literatura apresentaram sinais claros de transtornos mentais, especialmente aqueles ligados à instabilidade do humor”. Esses estudos corroboram com a pesquisa fornecendo bases conceituais para a análise.

### **3 OS POSSÍVEIS TRAÇOS DE SOFRIMENTO PSICOLÓGICO NA LINGUAGEM ESTÉTICA DO ESTILISTA ALEXANDER MCQUEEN**

Conforme Jarilo (2021), a infância de Lee Alexander McQueen, nascido em 17 de março de 1969, teve impacto significativo na construção de sua sensibilidade artística. Criado em uma família de classe trabalhadora e sendo o caçula de seis irmãos, McQueen recebeu apoio da mãe e da família quanto à aceitação de sua homossexualidade. No entanto, sua juventude foi marcada por episódios traumáticos, incluindo o abuso sexual cometido pelo marido de uma de suas irmãs. Ainda conforme o autor, essas vivências de

violência e vulnerabilidade influenciaram diretamente sua visão estética, contribuindo para a presença de temas como dor, brutalidade e fragilidade do corpo em suas coleções. Assim, aspectos de sua história pessoal tornaram-se elementos fundamentais de sua expressão criativa e de sua identidade enquanto estilista.

O estilista Alexander McQueen tinha transtornos de depressão e ansiedade. Isso foi piorando por três anos antes de morrer, ele tinha episódios de tentativas de suicídio, como “pedidos de ajuda” (Pereira, 2010). Segundo o Dr. Stephen Pereira, psiquiatra de Alexander McQueen, a pressão da indústria da moda acabou sendo um dos fatores importantes que agravou o seu estado de saúde mental, trazendo o trágico desfecho (Jones, 2010).

O artista e estilista Alexander McQueen é citado com frequência como exemplo desse enlace entre a criatividade e o sofrimento psíquico. Reconhecido por ter um talento encantador e por desenvolver desfiles marcantes que causavam emoções intensas, McQueen representava em suas criações um belo e caótico palco para expressar seus traumas e dores profundas. Com sua origem humilde, o pai, Ronald McQueen, era taxista e sua mãe se chama Joyce, trabalhava no lar. Teve experiências traumáticas desde a infância pois sofria *bullying* na escola por conta de seu sobrenome, o chamavam de ‘McQueer’, e por conta destas questões teve um histórico de depressão profunda, o que veio a culminar em seu suicídio em 2010 (Callahan, 2015).

Alexander veio a aprender o ofício de alfaiate desde cedo, por ajuda de pessoas influentes na área, que já enxergavam o seu talento. Mesmo tendo abandonado a escola com 16 anos, correu atrás de um lugar na faculdade de Central de Saint Martins e iniciou seus trabalhos como aprendiz de alfaiate na rua Savile Row que era famosa pelas casas de alfaiataria, onde desenvolveu habilidades essenciais para sua carreira. Chegou a trabalhar para Anderson & Sheppard e também para Gieves & Hawkes em Londres. Se formou como estilista na faculdade Central Saint Martins em Londres, e com o dinheiro do seu salário conseguiu pagar a faculdade. Também fez mestrado nesta mesma faculdade (Callahan, 2015) .

A passarela, no contexto do artista, ultrapassava o mero e estético espetáculo movido pela estética e se tornava uma expressão do sofrimento psicológico . Como diz Perani (2014, p. 78), “a criação artística, inclusive na moda, pode funcionar como mecanismo de sublimação de experiências traumáticas, revelando-se como forma de resistência subjetiva.” As coleções do estilista McQueen, com temáticas sobre morte,

sobre loucura, e beleza grotesca, demonstram seu talento criativo, mas também as batalhas que ele experimentou durante toda uma vida.

Um exemplo poderoso de expressão com sofrimento psicológico é um dos seus desfiles chamado *Voss* (Primavera/Verão 2001), que se ambientou com uma instalação de vidro parecida com uma sala de observação psiquiátrica. O público presenciou modelos dentro dessa estrutura de vidro se contorcendo com cerca de vários movimentos estranhos. As peças de roupas foram inspiradas em camisas de força. Este desfile de performance angustiante mostra temas como a loucura, o isolamento de um indivíduo e a fragilidade da mente humana. Como aponta Perani (2014, p. 88), “quando o artista desloca seus conflitos internos para o campo simbólico da arte, ele os torna visíveis e compartilháveis, ainda que em forma crua e provocadora.” Isso reforça que a criatividade está mais latente nas pessoas com transtornos psicológicos.

#### **4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) utiliza uma abordagem qualitativa, em um estudo de caso, voltado à vida e uma das obras de Alexander McQueen. Busca compreender de que forma a moda pode funcionar como canal de comunicação e manifestação psicológica e emocional. O objetivo é analisar aspectos mais visíveis dos transtornos mentais na construção da coleção VOSS de Alexander McQueen e sua influência com a criatividade. Para a análise foram utilizados os seguintes autores: Vigotsky (2009), para a relação da criatividade, Nogueira (2020) para analisar o desfile, Nogueira (2021) para analisar os transtornos mentais, Xiao (2019), Filgueiras (2012) e Fleith (2021) para a análise dos sintomas dos transtornos.

Foram analisados dois looks selecionados por gosto pessoal da autora, visando trazer as análises sobre criatividade, sofrimento psíquico, confusão mental e sensações que a roupa transmitia.

A pesquisa foi realizada de forma bibliográfica, com base em livros, artigos e estudos que discutem a relação entre criatividade, transtornos mentais e moda. A partir dessa fundamentação teórica, foi possível desenvolver uma análise interpretativa da obra escolhida, relacionando os aspectos criativos com a expressão subjetiva do estilista.

#### **5 ANÁLISES E DISCUSSÕES**

Em seu artigo, Bruna Costa Nogueira (2020), analisa o desfile VOSS (Primavera/Verão 2001) desfilado em *London Fashion Week*, de Alexander McQueen, e o remete a um espetáculo profundamente simbólico, construído a partir de elementos cênicos e estéticos que remetem ao confinamento, à loucura e à desconstrução dos padrões de beleza. Pelas imagens pesquisadas e relatos de quem escreveu sobre o desfile VOSS, observa-se que o mesmo ocorreu dentro de uma grande caixa de vidro espelhado, impossibilitando o contato entre modelos e público e criando uma atmosfera clínica e opressiva e de observação intensa. Durante o espetáculo que o estilista criou com seu desfile, ele fez o público ficar aflito com a demora em começar o desfile. Luzes acendendo pouco a pouco também faziam os espectadores ficarem apreensivos. O interior do palco era branco, com azulejos, frisos acolchoados e intensa iluminação superior, o que sugere um ambiente de contenção psiquiátrica, reforçado pela trilha sonora composta por música eletrônica e sons semelhantes a batimentos cardíacos.

Segundo Nogueira (2020), a narrativa de desorientação é intensificada pelo comportamento das modelos, que desfilam de modo errático — cambaleando, rindo de forma nervosa, gesticulando, destruindo roupas e tentando enxergar através do vidro. A maquiagem pálida, o uso de toucas, golas semelhantes a trajés cirúrgicos e peças que remetem à camisa de força contribuem para o clima de instabilidade mental. A construção do vestuário utiliza recortes assimétricos, peças sufocantes, materiais inusitados (como conchas, papel, aves empalhadas e lâminas de microscópio) e sobreposições que evocam associações com a estética da loucura.

O clímax ocorre quando a caixa menor, instalada no centro da passarela, se rompe, revelando a modelo Michelle Olley nua, ligada por tubos e cercada por mariposas — cena interpretada como metáfora de metamorfose, renascimento e ruptura com o padrão corporal dominante. Para Nogueira (2021), VOSS expõe as contradições da moda ao mesmo tempo que critica seus mecanismos de vigilância, controle e idealização corporal, transformando a passarela em uma reflexão sobre o olhar, o corpo e a condição humana.

No desfile os dois looks foram vistos sobre essa lente simbólica. Na imagem 1, encontra-se o look 1 analisado, onde o visual de ataduras faciais, em que a face da modelo está toda enfaixada com ataduras, se relaciona com experiências de perda de identidade, silenciamento, comuns relatos de pessoas que têm transtornos mentais, que descrevem sensação de apagões e contenção emocional (Nogueira; Fleith, 2021).

Segundo Vigotsky (2009) aborda que a criatividade surge com as vivências, desde a infância, e que a imaginação que dá luz para a criatividade vem das emoções, o que contribui para o desenvolvimento de algo novo.

A imagem 1, apresenta com a criação de Alexander McQueen, uma sensação expressa de aprisionamento psicológico e conflito interno, utilizando pássaros empalhados como símbolo de limitação e ao mesmo tempo o desejo de liberdade da pessoa doente. Wu Xiao (2019) enfatiza que há uma correlação significativa entre altos níveis de criatividade com a insanidade. “A atividade cerebral anormal permite que os pensadores vejam o mundo através de uma lente diferente.” Já para Ostrower (2014), cada sentimento gera uma propulsão, ou voos mais altos rumo à criatividade. E sabe-se que estes sentimentos em pessoas com transtornos psiquiátricos torna-se mais avançada.

Imagem 1: Look com pássaros



Fonte: **VOGUE Runway**. Disponível em:  
<https://www.vogue.com/fashion-shows/spring-2001-ready-to-wear/alexander-mcqueen>

Neste look 1, os pássaros empalhados, que ficavam por cima da cabeça da modelo, dando uma sensação de gaiola, aprisionamento psicológico por conta do empalhamento, cárcere, angústia interna e conflitos internos, buscando pela liberdade que sua mente limita. Este look com saia de penas e pássaros apoiados no vestido traduzir conceito e inovação.

Já a imagem 2, look 2, apresentado por Alexander McQueen, simboliza a perda de identidade e silenciamento. O figurino mistura elementos de contenção, pelo uso das

ataduras faciais e expressão corporal como metáfora da mente em conflito. Um lado do vestido apresenta uma manga e o outro lado, a cava se funde no decote, remetendo a castração. O look reflete conceito, imaginação e criatividade.

Para Vigotsky (2009), a forma como se traduz sentimentos e vivências em criatividade é o puro reflexo da vida. Você transformar um signo em algo novo, uma dor em algo belo, isso traz o sentimento de resplandecer em meio às cinzas.

Imagem 2: Look do desfile VOSS com saia de penas e ataduras faciais



Fonte: **SØLVE SUNDSBØ / Art + Commerce. *The Metropolitan Museum of Art – Blog***  
***“Alexander McQueen: Savage Beauty”***. Disponível em:  
<https://blog.metmuseum.org/alexandermcqueen/dress-voss-3/>.

Os looks citados anteriormente, revelam como os conflitos internos podem ser uma potência estética. Serve também para questionar quem decide o que é “normal” ou “aceitável” na representação do corpo, da mente e da identidade (Filgueiras, 2012; Nogueira; Fleith, 2021).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Embora pesquisadores e cientistas ainda não possuam uma opinião totalmente definida sobre esse tema, considero de grande importância para o meio acadêmico da moda estudá-lo com mais profundidade. Faz-se necessário compreender como as pessoas funcionam, pensam e se comunicam, para assim entender como criam e como se posicionam em relação ao mundo e o que querem vestir.

Com todo o levantamento de dados realizado observou-se que ainda existem poucos estudos abordando essa temática. Buscou-se trazer relatos de estudiosos no tema criatividade, e também trazer como base a psicologia para estudar o tema e analisar as criações de Alexander McQueen.

Este trabalho busca enaltecer a vida de Alexander McQueen, que acredito ser uma grande contribuição para a moda, visto que nos mostrou o quanto a moda pode ser algo profundo e capaz de alertar as pessoas. Nos mostrando que moda pode ser comunicação e expressão da vida.

A escolha desse tema se deu para que mais pessoas pudessem compreender a importância dessa conexão e se sentissem motivadas a refletir e pesquisar cada vez mais sobre o assunto. Mesmo que ainda não existam muitos autores que relacionam diretamente a moda aos transtornos mentais, considero que os resultados foram positivos. Afinal, os objetivos da pesquisa foram alcançados. Que eram 1. Identificar a correlação entre transtornos mentais e criatividade; 2. Dissertar sobre os possíveis traços de sofrimento psicológico na linguagem estética do estilista Alexander McQueen; 3. Analisar dois looks da coleção VOSS, relacionando-os com seu transtorno mental e refletindo sobre a expressão criativa presente na coleção. Sendo assim, os objetivos desta pesquisa foram alcançados. O primeiro objetivo, que buscava identificar a correlação entre transtornos mentais e criatividade, foi atendido por meio de uma revisão teórica ampla, sustentada por autores como Jamison, Andreasen, Kyaga, Carson e Ludwig, que demonstram a relação entre estados emocionais intensos e processos criativos. O segundo objetivo, que propunha discutir os possíveis traços de sofrimento psicológico na linguagem estética de Alexander McQueen, foi atingido ao analisar sua trajetória pessoal marcada por experiências desafiadoras e traumáticas, depressão e ansiedade, relacionando esses elementos à simbologia presente em suas coleções. Por fim, o terceiro objetivo, referente à análise de dois looks do desfile VOSS, foi cumprido ao interpretar visualmente as peças selecionadas, conectando-as a temas como aprisionamento, silenciamento e conflito interno, demonstrando como tais elementos refletem a

subjetividade e o sofrimento do estilista.

Já no mundo, estima-se que uma em cada sete pessoas no mundo apresenta algum tipo de transtorno mental. Entre as demais, muitas ainda agem com preconceito ou desconhecem a profundidade desse tema. E quem faz moda, está realmente preparado para lidar com essas pessoas? Será que estamos prontos para compreendê-las e nos comunicar com elas de forma sensível e empática?

Afinal, a moda é vista como uma linguagem que fala sobre o ser humano, suas dores, suas emoções e suas transformações.

Deixo aqui essa reflexão, com o desejo de que este estudo sirva de inspiração para que mais olhares se voltem a essa temática, e que a moda continue sendo não apenas expressão estética, mas também um meio de diálogo, empatia e compreensão.

Concluo que o desfile VOSS, de Alexander McQueen, expressa com precisão o sentimento e a vivência de pessoas com fortes transtornos mentais. O estilista conseguiu transformar o sofrimento psíquico em moda, revelando que a verdadeira criatividade, nesse contexto, não nasce apenas da razão, mas também dos sentimentos mais desafiadores, de dores, e também de alegrias que o ser humano passa em sua vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por ser meu refúgio nos momentos de incerteza e por Seu amor incondicional; ao meu esposo, pela paciência infinita e por ser meu porto seguro; aos meus pais, especialmente à minha mãe, que descobriu minha doença e sempre lutou por mim, e ao meu pai, por seu apoio constante e amor incondicional; à minha família, irmãs, avós, tios, tias e primos, e por serem minha rede de acolhimento nos momentos difíceis; à minha orientadora, que me guiou com dedicação do início ao fim deste projeto; minhas amigas que percorreram a faculdade comigo e fizeram os dias serem mais leves e, por fim, a mim mesma, por nunca desistir. Conviver com a bipolaridade é um desafio intenso, mas me ensinou coragem, resiliência e a importância de persistir nos meus sonhos. Este TCC é fruto de esforço, superação, amor e fé, e representa o início da minha missão de levar a moda para o mundo.

“Entregue ao Senhor tudo o que você faz,  
e os seus planos serão bem-sucedidos.”  
(Provérbios 16:3)

## **REFERÊNCIAS**

ANDREASEN, N. C. Creativity and mental illness: prevalence rates in writers and their first-degree relatives. *American Journal of Psychiatry*, v. 151, p. 1650–1656, 1987. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/3499088/>. Acesso em: 12 dez. 2025.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CALLAHAN, M. **Champagne supernovas: Kate Moss, Marc Jacobs, Alexander McQueen e os rebeldes dos anos 1990 que reinventaram a moda**. Trad. Maryanne Linz. 1. ed. Rio de Janeiro: Fábrica 231, 2015.

CARSON, S. H. Creativity and psychopathology: A shared vulnerability model. *Canadian Journal of Psychiatry*, v. 56, n. 3, p. 144–153, 2011. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/070674371105600304>. Acesso em: 12 dez. 2025.

CSIKSZENTMIHALYI, M. Flow and the psychology of discovery and invention. In: CSIKSZENTMIHALYI, M. **Creativity: Flow and the psychology of discovery and invention**. New York: HarperCollins, 1996. Cap. “Flow and Creativity”, p. 107–126. Disponível em: <https://digitalauthorship.org/wp-content/uploads/2016/01/csikszentmihalyi-chapter-flow-and-creativity.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2025.

DIVERGENT thinking. In: Divergent Thinking – an overview. *ScienceDirect Topics*, Elsevier, 2010–presente. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/topics/psychology/divergent-thinking>. Acesso em: 29 jun. 2025.

FERREIRA, M. S.; CARVALHO, M. C. A. Estigma associado ao transtorno mental: uma breve reflexão sobre suas consequências. *Revista Interdisciplinar de Estudos em Saúde*, v. 6, n. 2, p. 1094, 2017.

FILGUEIRAS, C. Alexander McQueen e seus desfiles de moda teatrais. *Polêm!ca*, v. 9, n. 2, p. 137–141, 2012.

FOLLEY, B. S.; PARK, S. Verbal creativity and schizotypal personality in relation to prefrontal hemispheric laterality: a behavioral and near-infrared optical imaging study. *Schizophrenia Research*, v. 80, n. 2–3, p. 271–282, 2005. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2817946/>. Acesso em: 8 nov. 2025.

JAMISON, K. R. **Tocado pelo fogo: transtorno bipolar e o temperamento artístico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

JARILLO, A. For the saneness of fashion: How does Alexander McQueen’s fashion shows create awareness about the mental health crisis that the fashion industry faces? 2019. 39 f. Extended Essay (Graduation) – Centro de Diseño, Cine y Televisión, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/351735463>. Acesso em: 16 nov. 2025.

JONES, S. Alexander McQueen's suicide was 'act of desperation', inquest told. *The Guardian*, 28 abr. 2010. Disponível em: <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2010/apr/28/alexander-mcqueen-suicide-verdict-inquest>. Acesso em: 29 jun. 2025.

KYAGA, S. et al. Creativity and mental disorder: Family study of 300,000 people with

severe mental disorder. *Journal of Psychiatric Research*, v. 45, n. 2, p. 125–131, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jpsychires.2010.09.001>. Acesso em: 29 jun. 2025.

LOS, V. A.; LOPES, E. S. S.; RAUSCH, R. B.; SCHROEDER, E. Processos de imaginação e criatividade na construção do desenho na infância à luz da perspectiva histórico-cultural. *Revista Eletrônica Pesquiseduca*, v. 7, n. 13, p. 219–224, 2015.

LUDWIG, A. **The Price of Greatness: Resolving the Creativity and Madness Controversy**. New York: Guilford Press, 1995.

MEIKLE, J. Alexander McQueen hanged himself, inquest told. *The Guardian*, 17 fev. 2010. Disponível em: <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2010/feb/17/alexander-mcqueen-hanged-wardrobe-inquest>. Acesso em: 29 jun. 2025.

MICHAELIS. Criatividade. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/criatividade/>. Acesso em: 29 jun. 2025.

MORGADO, T.; LOUREIRO, L.; REBELO BOTELHO, M. A. A utilização de vinhetas na saúde mental: tradução e adaptação transcultural de uma vinheta de ansiedade social em adolescentes. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, v. 6, n. 2, p. 1–11, 2020.

NISE: O Coração da Loucura. Direção: Roberto Berliner. Produção: Rodrigo Letier; Lorena Bondarovsky. São Paulo: Imagem Filmes; W Mix Distribuidora, 2015. (109 min), color.

NOGUEIRA, M.; FLEITH, D. S. Qual é a relação entre criatividade e transtorno mental? *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 21, n. 3, 2021.

NOGUEIRA, B. C. VOSS – uma análise semiótica do fashion show de Alexander McQueen. *Cine Fórum UEMS*, v. 12, n. 1, p. 1–15, 2020. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/cineforumuems/article/view/7594/7281>. Acesso em: 16 nov. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Mental disorders. *Fact sheets*, 8 jun. 2022. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-disorders>. Acesso em: 29 jun. 2025.

PERANI, S. **Corpo, moda e subjetividade: o vestir como prática de si**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

PEREIRA, S. Depoimento citado em: JONES, S. Alexander McQueen's suicide was 'act of desperation', inquest told. *The Guardian*, 28 abr. 2010.

RUNCO, M. A.; JAEGER, G. J. The standard definition of creativity. *Creativity Research Journal*, v. 24, n. 1, p. 92–96, 2012. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/254301596\\_The\\_Standard\\_Definition\\_of\\_Creativity](https://www.researchgate.net/publication/254301596_The_Standard_Definition_of_Creativity). Acesso em: 29 jun. 2025.

VILLELA, V. E. C.; OLIVEIRA, M. S.; FERREIRA, E. D. F. Transtornos mentais: do diagnóstico ao enfrentamento na menor idade. *Revista FT*, v. 28, n. 131, p. 83–97, 2024. Disponível em:

<https://revistaft.com.br/transtornos-mentais-do-diagnostico-ao-enfrentamento-na-menor-idade/>. Acesso em: 16 nov. 2025.

WATT, J. **Alexander McQueen: o gênio da moda**. São Paulo: Seoman, 2013.

VYGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores**. Trad. Zóia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

XIAO, W. McQueen: Mental Health in Creative Industries. *Volta Magazine*, 15 jan. 2019. Disponível em: <https://voltamagazine.wordpress.com/2019/01/15/mcqueen-mental-health-in-creative-industries>. Acesso em: 28 jun. 2025.